

LIVIA GARCIA-ROZA

# Meus queridos estranhos



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Livia Garcia-Roza

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Rita da Costa Aguiar

*Foto de capa*

Lena Granefelt/ Johnér

*Preparação*

Ciça Caropreso

*Revisão*

Jane Pessoa

Carmen T. S. Costa

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Garcia-Roza, Livia

Meus queridos estranhos / Livia Garcia-Roza — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

ISBN 978-85-359-2843-3

1. Ficção brasileira I. Título.

---

16-08335

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura brasileira 869.3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

## 1.

*Um banquete de mulheres. Mamãe presidia a mesa principal, com sua cabeleira ruiva que, ora sim, ora não, bailava fagulhando no ar. Vestia lençol branco e tinha as unhas pintadas de azul-celeste. Pressenti que era uma festa de comemoração da loucura. Que fartura. As outras, e tantas eram, esbravejavam, vociferavam, clamando pelos seus homens, seus maridos de volta. Algumas se arrastavam no chão em lamentos ininteligíveis, outras queriam matar umas tantas. Mamãe tocava um sino e elas se aquietavam, por momentos, para em seguida voltar a imprecar contra a vida e contra mulheres. Uma delas enforcou-se na manga do vestido no meio do salão, tendo no centro do peito, bordado, o nome de um homem. Do lado de fora, centenas de mulheres arranhavam a porta, querendo se banquetear. A entrada principal estava tomada por uma infinidade de meninas impedindo a passagem. As mães as levavam. Para se tornarem mulheres precisavam do batismo da loucura. A cada barulho maior que as de fora faziam, mamãe tocava o sino, e elas voltavam a se acalmar. Quando a comida chegou, trazida em grandes bandejas de prata, elas as atiraram para*

*o ar e todo o alimento se evaporou. Estavam famintas. Comiam as golas dos vestidos, as unhas umas das outras e, finalmente, engoliram talheres, sufocando-se. Mamãe continuava solene, presidindo a sessão. A mulher, anunciada ao microfone como a avó, pegou um punhal e mergulhou-o no ventre. Várias tentaram a morte com o guardanapo. Pouco pano não dá conta da dor.*

Mariana perguntou por que eu havia dormido em seu quarto. Me levantei tonta e disse a ela que conversaríamos depois do café.

Passados alguns minutos, ela apareceu na sala, descalça, camiseta manchada, arriada nos ombros.

— Pode me dizer o que está acontecendo?

Eu não sentia o corpo; estava eterizada; a cabeça, bolha de sabão, a qualquer momento podia rebentar.

— Seu pai vai sair de casa, não quer mais ficar casado.

Mariana despencou em cima de mim chorando. Mal conseguia aguentá-la no colo. Sentia meus ouvidos zumbindo, zumbindo. Me abracei a minha filha. Mariana me embalou.

Manoel foi e continua sendo o grande amor da minha vida. Único, não tive outro. Nos conhecemos aos vinte anos e não mais nos separamos. No decorrer do casamento vivemos situações difíceis, ocasionadas em boa parte pelos desarranjos da minha cabeça. Havia algum tempo, no entanto, atravessávamos um período de tranquilidade. Até recentemente, quando Manoel disse que precisávamos conversar. Estranhei, ele estava calado, sério, sombrio. Outro homem de repente. Fomos jantar fora.

Assim que entramos no restaurante, nos sentamos de frente um para o outro. Havia um branco em seu rosto. Senti a angús-

tia chegando, sei como vem: pressão, aperto, quentura, como se fosse uma pata de elefante estacionada no meio do peito. Ele pediu dois drinks (podendo, fala em inglês). Aceitei um uísque. Se bem que teria preferido um ansiolítico. Manoel me olhava com ternura e firmeza. Essa coisa terna de uma hora para a outra sempre me deu medo. Acho que depois de voz baixa e doce vem crueldade. Já me sentia trêmula, os joelhos batiam. Continuamos ali, naquela falta de conversa. Em silêncio, esperando a bomba cair — sim, porque então eu tinha certeza de que uma coisa enorme despencaria na minha cabeça. Nem bem o garçom nos serviu, girando o gelo no copo e me encarando no fundo do olho, Manoel disse:

— Quero me separar.

Pela primeira vez senti a morte instantânea. Me vi despencando do alto da janela e caindo feito um puzzle na calçada. (Quem sabe compondo na eternidade uma paisagem tranquila?) Manoel perguntou se eu tinha escutado. Eu olhava para ele, via o lóbulo de sua orelha, o bolso da camisa, a aba do nariz. Não conseguia enxergá-lo por inteiro. Sentindo a angústia em direção à garganta enquanto o uísque tentava o caminho inverso, perguntei de quem se tratava. Alisando a minha mão, que retirei num impulso, Manoel respondeu que não estava saindo de casa por causa de nenhuma mulher. Simplesmente não queria mais ficar casado. Ajudado pela bebida, desandou a falar. Conhecendo o discurso do uísque de frente para trás, pedi para ir embora. Ele perguntou pelo jantar. Que jantar? Achava que eu ia jantar?!

O carro deslizava rumo à desgraça que ia ser a minha vida. Tive o pensamento súbito de abrir a porta e me jogar na rua. Achei que o puzzle não sairia perfeito, ia sobrar muito de mim e essa sobra ia ficar no asfalto gritando o nome dele. Manoel entrou na garagem do prédio, com colunas, hidrantes, paredes dando passagem ao nosso carro. Entrei em casa atrás do travesseiro e

das pílulas, acho que tomei várias, não me lembro. Abri a porta do quarto e Mariana dormia; me joguei em cima das almofadas dela.

Na manhã seguinte, Manoel acordou abatido e assustado. Eu era um lixo ambulante, até porque não estava habituada à bebida. Sentia como se tivesse perdido quilos durante a noite. Sou sempre assim: angustio, desespero, depaupero. Supliquei que ele ficasse em casa por mais alguns dias para conversarmos. Que noites vieram! Que noites.

Manoel e eu saíamos. A cada noite mais noite ficava. A dor se eternizava. Eu estava tão fraca, caída, bamba, que não servia mais para nada. Seguia Manoel como a uma vela em dia de temporal, a qualquer momento breu, a luz da minha vida se apagando. E se eu entrasse quietinha dentro de um dos objetos dele, com Mariana no ventre, e ele nos levasse sem perceber? Às vezes a gente pode diminuir. Acho que esgotei minha capacidade de perguntar. Ele respondia sempre o mesmo: queria morar sozinho. Insistia que não era eu, mas o casamento (a vida de casado era comigo!). Minha boca secou de perguntas.

Em um sábado, ele catou suas coisas, fez um carinho na minha cabeça enquanto entregava as chaves do apartamento, beijou Mariana, ela enfiou na mão do pai um porta-retratos com uma fotografia nossa, minha e dela, e ele foi embora. Meu olhar ficou pendurado na maçaneta não sei por quantos meses.

Perdi meu marido e Mariana ganhou um cachorro, um rottweiler, do tamanho da geladeira. Presente do pai. Tchimo chegou pequenininho, depois a imensidão tomou conta dele. E era jornal, ração, vacinar, passear... Ela se tomou de amores pelo cão, chamava-o por vários nomes, *rottbaby*, *rottboy*, *rottdog*. Eu não gosto de cuidar de animais, não é o meu forte, mas Mariana estava tão contente que o sacrifício valia a pena.

Catorze nutridos anos, alta, robusta, corpulenta, Mariana parece uma tedescona. Antes de eu me casar com o pai dela, ele teve uma namorada fortuna. Na época, fiquei com medo de que ela me batesse, se quisesse me liquidava com um esbarro; sou baixa e magra por dentro. Por fora tenho estatura média, mais para alta, cabelo castanho, sou standard, como diria Manoel. A outra era um tanque de mulher. Um dia, comentando com Manoel que eu não sabia a quem Mariana tinha puxado, ele respondeu que deviam ser ecos do passado.

Manoel é um homem alegre, grande e brincalhão. Tão grande que não cabia em canto algum, na nossa cama seus pés sempre ficavam de fora. Quando eu ia deitar e ele já tinha dormido, esbarrava neles, mas Manoel jamais acordava. Eu tinha medo de que alguma coisa nos acontecesse de madrugada, mas ele dizia, sorrindo, que nossas desgraças só se dariam a partir do meio-dia. A palavra em sua boca era sempre alegre. Mas Manoel é estranho, coleciona objetos esquisitos e, volta e meia, fala em inglês. Outro dia Mariana me contou que ele tem um vidro cheio de ossinhos, que guarda com todo carinho. Segundo ele, são dos frangos que come. Depois de comer lambe, lambe, e empilha os ossinhos dentro do vidro. Deve vibrar com seu cemiteriozinho. Bem, não tenho mais nada a ver com isso. Mas Mariana tem.

No dia seguinte à saída de Manoel, a diarista apareceu. Me deu vontade de conversar, contar minha desgraça. Perguntou se eu estava doente. Não conheço mal maior. Eu me arrastava pelos cômodos. Acho que chorei em todos os cantos da casa. Tive muita vontade de falar, mas agora é tudo impessoal: faxina, grana e tchau.

A vida passava mecânica, embotada. Pílulas, sonhos e espera. A qualquer momento Manoel podia voltar. A cama vazia, eu

dormia enrolada em mim mesma entre travesseiros e lágrimas. Se quisessem podiam me botar no vidro de Manoel, junto com os ossinhos. Mariana não sabia das noites; bastava presenciar os dias. Seus dias corriam com a mocidade. Minha vida transcorria viva, mais nada.

Nunca soube fazer outra coisa senão tocar. Toquei tanto clarinete que não sei como não ensurdeci o cachorro. Mariana andava boazinha, boazinha; talvez tivesse percebido que qualquer coisa mais forte, e eu desencarnaria. Já não tinha quilo para perder. Não sabia de Manoel. Nada. Às vezes ela ligava para o trabalho do pai e, um dia, não resistindo, perguntei se ele havia falado em mim. Baixando os olhos, ela respondeu que não. Muito difícil entender como um marido vai embora e... nada. Fácil a gente se sentir merda, muito fácil. Me lembrei do nosso primeiro beijo molhado ao lado do carro enquanto nos despedíamos e a chuva caía. Como pode uma coisa dessas acabar? Não acabou! Seus beijos, grudados em mim, umedecendo minha alma, a chuva não levou.

Na orquestra, descompasso a torto e a direito, volta e meia o maestro chama minha atenção. Já é um milagre eu estar ali sentada, erguida, soprando — nem sei de onde tiro ar —, em vez de sedada sobre a cama. Fora o dinheiro que ganho na orquestra e em aulas particulares, recebo uma pensão que Manoel deposita todos os meses. A vida, vazia. Mamãe telefona quase todos os dias. Tranquilizou-se quando contei que Manoel tinha dado um cachorro para Mariana. Deve ter concluído que estava tudo bem.

Outro dia, quando acordei, quer dizer, quando o efeito dos comprimidos passou, entrei na cozinha e vi o cachorro babando e espumando, estirado no chão. Raiva? Mariana já tinha saído para o colégio. Tive ímpetos de gritar pelas janelas. Interfonei para o anão, porteiro da manhã, para ver se podia me ajudar. O



cachorro estrebuchava. Pensei em Mariana e me controlei. O homem me ajudou a arrastar a tonelada espumante para dentro do elevador. Fiz tanta força para botar o bicho dentro do meu carro que não sei como meu útero não despencou. Meu pai dizia que mulher não devia carregar peso porque o útero cai. O cachorro guinchava no banco traseiro. Estávamos os dois em transe, ele e eu. Em frente à clínica parei no meio da rua, congestionando o trânsito; as buzinas dispararam, abri a porta do carro fazendo gestos para a multidão irada e implorei ao primeiro transeunte que me ajudasse: tinha um cachorro morrendo no meu carro.

Depois de longa espera, sentada na sala fedendo a remédio e a animal, chegou o resultado do exame: a faxineira tinha usado um produto de limpeza que causou aquele estrago no bicho. O veterinário fez várias advertências, tendo ao lado um jovem assistente que fazia eco ao que ele dizia. Tchimo, trazido por um dos enfermeiros, apareceu dando saltos de alegria, irreconhecível de ótimo. Descemos os degraus da clínica e ele me conduziu para dentro do carro. De volta ao lar. Mariana nem deu pelo que tinha acontecido.

## 2.

Resolvi não poupar Mariana.

— Sabe o que aconteceu hoje de manhã, Mariana?

— Papai deu notícia?

Ouvir falar em Manoel abaixa minha resistência na hora.

Respondi devagar, sem força:

— Não, Mariana, seu cachorro é que passou mal. Acordei e encontrei o bicho babando na cozinha, você já tinha saído...

Ela não esperou eu acabar de falar, atirou-se sobre o animal, beijando seu focinho. O cão soltava gemidos de prazer.

— Pequeno *rottbaby*, o que aconteceu?... Diz, meu querido, diz, conta pra mãe o que fizeram com você, conta...

— Sabe que tudo isso me custou uma manhã inteira, além de ter saído caro?

— Ah, mãe...

A cena de amor menina-cachorro desenrolava-se, atravancando a cozinha, e eu precisava preparar o almoço.

— Chega, Mariana! Chama o cachorro pra sala, senão hoje não se almoça.

Alvoroados, foram se embolar no tapete. Rebolando, Tchimo esbarrou na mesa cheia de copos e pratos — e na fruteira que minha avó tinha me dado! Grande alegria em nosso lar.

Minha vida: filha, cachorro e trabalho.

Apesar do espaço que Tchimo e Mariana tomavam, e com isso me ocupavam, eu tinha medo de ir findando devagarinho, sumindo, me esfumando. Na orquestra, os colegas comentavam minha magreza. Nada a declarar. Não conseguia engolir nada sólido. Tudo tinha que ser batido no liquidificador, só desciam papas e pílulas. Acho que as palavras de Manoel taparam minha garganta. Um ano de separação e a mesma dor, igual, pontual.

Decidi iniciar uma nova fase, despachando por Mariana tudo o que me lembrava Manoel, principalmente os livros sobre cinema. Dos filmes americanos antigos ele sabia de cor cenas completas, além das marcações. Tem uma memória prodigiosa. Eu ficava impressionada quando, tomando chope com os amigos, ele recitava diálogos inteiros, enquanto eu entornava uma coca-cola. Essa parte da nossa vida é sem saudade. Depois de horas no bar, havia sempre o último chope; os garçons conheciam as cabeças rodadas. No final, nossa mesa era um festival de bolachas úmidas, amassadas e meladas, e eu exausta de John Wayne, *Shane* e *OK Corral*... De vez em quando eu arriscava um “vamos” baixinho. Ele, embolachado, me fazia carinho e continuava.

Eu ficava horas no clarinete esperando Mariana voltar da casa de Manoel para saber se ele havia comentado alguma coisa sobre mim. Ela nunca dizia nada. Um dia não aguentei e perguntei se ele tinha gostado da gaita.

— Mãe, o papai não tem tido tempo de apreciar seu carinho...

Andava uma gracinha a minha filha, sensível, sensível. Nem parecia aquela de outrora (bela palavra, outrora).

Eu continuava a levar a vida no sopro. No ar.

Não existe história sem mulher. Decidi descobrir de quem se tratava. Passei a seguir Manoel. Felizmente ele nunca me viu. Mariana perguntou por que não me encontrava mais em casa. Essas coisas dão trabalho... Andava cansada, mas não conseguia parar. Em um desses dias encontrei Manoel na rua. Quando ele me viu, veio ao meu encontro. Vi seus olhos se molharem; os meus já estavam cheios d'água, ele me abraçou. Não nos dissemos nada. Durante alguns segundos fiquei encostada naquele mundo quentinho. Foi um instante eterno. Ele se despediu fazendo carinho em meu rosto. Por mim ficaria naquela esquina o resto da vida. Manoel saiu andando devagar, levado por suas pernas grandes. Não se cansa de ir embora. De novo sem ele.

Em uma tarde, resolvi me postar em frente ao edifício dele. Quando cheguei, havia uma moça andando em frente ao prédio, consultando o relógio e o interior da portaria. Fiquei na outra calçada, perto de uma banca de jornal. A qualquer momento Manoel sairia e daria o braço para aquela mulher. Eu tinha certeza. Esperamos, as duas, quase meia hora. A mulher, aflita; eu, vaga. Já estava cansada, mas nada no mundo me faria sair dali. Assim que Manoel aparecesse e a abraçasse, eu atravessaria a rua, mostrando-me para ele; em seguida, daria meia-volta e me atiraria debaixo do primeiro carro que passasse. Quando acho que vou me matar, tomo dois comprimidos. Foi o que fiz ali mesmo, em pé, no meio da rua e do dia. Um velho saiu do edifício e a moça começou a gesticular e a brigar com ele. Seria

o pai dela? Me afastei, com um confuso sentimento de raiva e alívio que mal conseguia suportar. Estava custando a morrer.

No dia seguinte, pela manhã, Mariana, com voz doce e meiga, disse que ia sair ao meio-dia do colégio para fazer pesquisa na casa de uma colega.

— Pesquisa em casa de colega?

— É, o pai dela tem uma biblioteca com o material que precisamos consultar.

Resolvi fazer uma surpresa para Mariana. Andava solta demais. O colégio tem entrada em duas ruas. Na hora da saída, eu estava em uma delas. Me debrucei sobre a grade e avistei ao longe três colegas de Mariana. Fiz sinal e elas vieram na minha direção, aos pulos. São todas iguais, parecem meninas aladas. Pedi ao trio que a chamasse.

— Não está — responderam quase em coro.

— Não está!?

— Saiu com dois colegas, parece que eles foram à praia — disse uma delas.

Fui correndo para a portaria. Entrei desabalada, cortando o pátio em direção ao orelhão. Manoel precisava saber que Mariana tinha fugido. As meninas corriam atrás de mim. No aparelho, ouvi a voz de Manoel dizer que eu esperasse mais um pouco, se ela não aparecesse que eu voltasse a ligar. As meninas, estateladas, vestidas iguais, pareciam um minicoro grego ao meu lado. Saí do telefone sentindo as pernas trêmulas e tombei num banco, com o coro ao meu lado. De repente uma delas apontou:

— Olha lá a Mariana!

Ela vinha pela outra entrada — fingindo que não tinha saído? Ardilosa, Mariana. Assim que me viu, empalideceu. Nem bem nos aproximamos, perguntei:

— Onde você estava?

Ela caminhava cabisbaixa, distanciando-se das colegas. En-

tramos no carro e eu falei tudo que tinha me passado pela cabeça. Mariana me olhava igual ao cachorro quando empesteia a casa. Em seguida ao jorro, fiquei em silêncio. Quando a raiva cedeu, perguntei:

— Onde você estava? Você ainda não respondeu.

— Fomos à praia. Eu queria me divertir um pouco...

— E você vai ao colégio pra se divertir, Mariana?

— Desculpe.

— Está desculpada.

Sempre a desculpei logo.

— Mãe, não é por nada, mas onde você tem andado?

Desconversei, disse qualquer coisa sobre o trabalho. Certamente ela não ia gostar da mãe farejando as pegadas do pai.

Depois do jantar, estávamos na sala, ela no seu giro televisivo infundável e eu olhando fotos antigas, quando o telefone tocou. Com o controle remoto na mão, Mariana atendeu. Largou o aparelho lívida, berrando:

— Mãããe... papai morreu!

*A noiva de branco, vestido de laise, enfeitava o altar. Na grinalda, um casal de pombos arrulhava. O noivo não tinha chegado. Os convidados bocejavam. Havia muitas senhoras com papagaios nos chapéus que falavam incessantemente. Os senhores cuspiam labaredas. Nos nichos, crianças amarradas aos santos. Meninas miúdas aspergiam com água benta a mesa do altar. O padre voava, cantando em latim. Sua bata, vez por outra, chicoteava o rosto da noiva. No acorde do órgão, finalmente entrando na igreja, um imenso cachorro negro a galope, desembestado, rumo ao altar. Levava uma argola na orelha. A moça sorria, e ele, arreganhando os dentes, avançou abocanhando seu vestido de noiva. Desembaraçada dos véus, ela agora caminhava lentamente, tomando o vinho*

*das taças, mastigando hóstias, e de costas atirou o buquê para bancos vazios. Em seguida, saiu voando da igreja, uivando uma ave-maria.*

— Mãe, mãe... fala comigo. O que houve com você, mãe, hein? Mãe... mãe...

Eu ouvia a voz de Mariana ao longe, sentia sua mão sacudindo meu rosto, o bafo e o peso do cachorro.

— Fala, mãe, fala...

Mal conseguia enxergar sua cara grudada na minha, salgando meu rosto com lágrimas quentes e grossas. Aos poucos percebi que estava deitada no tapete da sala. Tentei me levantar, Mariana me ajudando e o bicho atrapalhando. Vácuo profundo.

Cheguei ao velório amparada pelos comprimidos e por Mariana. Quando vi Manoel vazio, paralisei numa ponta de caixão, em meio a trevas. Meu amor morto. Mariana desandou a chorar. Abracei-a e fomos, cambaleantes, sentar. Como falta pai neste mundo... Aos poucos, via as pessoas flutuando ao redor. Nós, visitantes da vida. Todos vieram nos cumprimentar. Ficamos ali, à espera do que não se tem mais esperança, cheias de flores nas mãos. Levei orquídeas, paixão de Manoel, que depusitei em suas mãos cinzentas. Onde o rosa? Onde a vida? Seu coração não aguentou. Foi-se a minha estrela guia. Que estava eu ainda fazendo sobre a terra? Vaguei durante horas, tendo ao lado Mariana. Ambas sobreviventes de um mundo que havia acabado. Manoel enfeitava o caixão com sua beleza fixada em estátua.

Casa comigo, casa? Caso tudo, Manoel, mão, unhas, cabelo. Que mais posso lhe oferecer que cresça? Na boate, embriagada pelas luzes, pelos sons e pelos olhos dele que me acariciavam.

Nós, enfeitados de felicidade, ausentes do mundo. Lua de mel em Teresópolis. Na sala aberta sobre o jardim, ao pé da lareira, eu declamava as poesias de que Manoel tanto gostava. O frio nos aproximava. Com as taças vazias de vinho, ficávamos acordados brincando na cama, até nossos corpos desabrocharem em coreografia, ora lenta, ora súbita, e dormirem antes de nós, extenuados. De manhã, na piscina, braçadas de amor.

Uma moça miúda entrou na capela, tendo outra ao seu lado. Vieram em nossa direção.

— A senhora é a viúva do Manoel?

Lágrimas na voz? Fiz que sim com a cabeça, não ia entrar em explicações. Pálida e um pouco chorosa, a moça apresentou-se como Camélia; a outra não disse nada. Depois do cumprimento, afastaram-se rapidamente. Antes de sentar, Camélia foi dar uma espiada em Manoel. Nesse momento, seu choro aumentou e ela escondeu a cara no peito da outra. Era ela que eu havia procurado com fúria? Tive ganas de levantar Manoel e exigir explicações. As duas continuavam sentadas em frente ao caixão. A amiga também chorava e passava a mão no cabelo de Camélia. Saí de onde estava e fui para junto de Manoel. Camélia apertava os olhos miudinhos iguais a ela, florzinha de cemitério. Enquanto a amiga passava a mão no cabelo de Camélia, eu fazia o mesmo no de Manoel. Dizem que cabelo é a única coisa que não morre. Fiquei acariciando a vida nele. Confesso que tive vontade de arrancar uns fios. Pensamento tenebroso. Será mesmo que Manoel estava namorando aquela moça?

Escolheu onde vamos morar, Manoel? No Jardim Botânico eu gosto, ele dizia, contente. Eu, encantada, tortinha de paixão. Me lembro tanto dos nossos lençóis... Se aquelas florzinhas falassem... De madrugada, exaustos de carinho, dormíamos encaixados — tréguas de doçura, paz instalada.



Quando chegamos do enterro, pedi a Mariana que chamasse o médico. Não tenho a menor ideia do que aconteceu nesse tempo, nem mesmo sabia quando era noite ou dia. Entrei num estado de turbulenta sonolência. Meu mundo virou um quarto de dormir. Não sabia por onde Mariana andava nem me sentia capaz de tomar conta dela no estado de confusão em que me encontrava. Pedi a minha mãe que desse assistência a ela durante esse período, que eu nem sabia quanto ia durar. *Out in the world*, como o livro que Manoel comprou um dia.

Finalmente uma manhã, me senti um pouco viva. Como o mundo continuava sem Manoel? Que saudade dos dias passados em Barbacena, naquele hotel que parecia uma casa, nós dois jovens, circundados de verde, vicejando de amor. Uma tarde em que eu dormi, acordei com ele debruçado sobre mim, com seus olhinhos de jabuticaba, ternos, úmidos, brilhando. Manoel tinha um olhar azul. O mundo com seus longos braços tomava conta de nós. Quando foi que ele nos desamparou? Saudade de Barbacena. Manoel e eu nunca fomos a Paris. Nos amamos no Rio, em Minas e em cidades do interior de São Paulo. Sempre na terra.

Me levantei para tomar café na mesa, ver Mariana. Eu estava preocupada e também com saudade dela. Me vesti e fui acordá-la.

Mariana dormia enroscada. Seus olhos estavam inchados e as pálpebras vermelhas. Bem de leve, pus a mão em sua cabeça e, quando vi, estava cantarolando uma cantiga de ninar. Ela abriu os olhos e ficou me olhando com eles parados. Seu olhar chorava. Me recostei ao seu lado. Nos abraçamos em silêncio, até o telefone tocar. Mamãe.

Passamos semanas fechadas em casa, quietas, fracas, mudas. Mariana ia ao colégio e descia com o cachorro. Depois colocava os fones e ficava ouvindo suas músicas ou vendo televisão. De vez em quando eu conseguia tocar um pouco, o restante do tempo a dor pensava por mim. A imagem de Manoel me rodeava.

Fomos à casa dele buscar suas coisas. Um galho florido de flamboyant entrava pela janela da sala. Mariana movimentava-se de um lado para o outro naquela casa que eu não conhecia. Eu olhava tudo com espanto, rastreando seus últimos gestos. No escritório, em cima da mesa de trabalho, ela me mostrou o vidro com os ossinhos. Pegou-o, olhou pra mim, sorriu seu único sorriso da tarde e o guardou dentro da mochila. Em seguida, começou a abrir gavetas: lente de aumento, grampeador americano antigo, régua de cálculo, pedra com fósfil, folhas de mata-borrão, olho de boi, canivete suíço... Fomos embora levando tudo para casa.

Assim que chegamos, Mariana colocou uma foto de Manoel na sua mesa de cabeceira. Passava a maior parte do tempo deitada no chão, com fones no ouvido e abraçada ao cachorro. Quando eu tentava conversar sobre ele, ela me olhava e silenciava.

Dois meses depois, começou a chegar em casa atrasada para o almoço. Perdia a hora porque ficava conversando quando acabavam as aulas. Assim dizia. Para voltar a fugir do colégio, não custava. E agora, caso resolvesse sumir, eu não tinha mais a quem recorrer. Só em pensar, minha cabeça disparava.

Voltei com dificuldade à vida. A primeira vez que precisei ir à cidade para fazer pagamentos, uma mulher, dentro do elevador, começou a gritar. Sem o ansiolítico, eu faria pior. Reencontro forte com a realidade.